

A COLOCAÇÃO PRONOMINAL À LUZ DAS RELAÇÕES ENTRE A VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICAS E GÊNEROS TEXTUAIS.*

Caroline Carnielli Biazolli – UNESP**

0 Introdução.¹

Neste estudo, integrado a uma pesquisa maior, em andamento, nomeada *Clíticos no Português de São Paulo: 1880 a 1920 – uma análise sócio-histórico-lingüística*, tenciona-se discutir as relações existentes entre gêneros e variação linguística, a fim de que auxiliem na compreensão dos processos de mudança da língua.

Assim como as línguas, acredita-se que os gêneros se renovam, adaptam-se e se multiplicam. Por representarem as mais diversas situações comunicativas, definidos por composição funcional, objetivos enunciativos e estilo, podem ser ordenados num *continuum* de formalidade. Vê-se o gênero tanto como um elemento que é caracterizado pela comunidade, quanto um elemento que a caracteriza.

Os estudos sociolinguísticos que operam com a língua escrita podem avaliar se as alternâncias de uso de determinado fenômeno se dão por razões estilísticas ao analisar os gêneros em que estão inseridas. Constata-se, em contextos menos formais, a maior incidência de formas consideradas não-padrão e, por outro lado, em situações envoltas por formalidade, o uso mais recorrente da variante padrão.

Pretende-se, aqui, a partir da observação da posição do pronome clítico, averiguar e correlacionar as suas possíveis formas de realização em cada gênero do domínio discursivo² jornalístico, em particular o jornal. Acredita-se na maior ou menor ocorrência de determinada posição de acordo com o gênero verificado. Espera-se encontrar um maior número de casos de próclise em textos mais informais e o uso mais acentuado de ênclise em textos menos informais. Cabe lembrar que os textos são as materializações dos gêneros.

Os exemplares analisados são do jornal “A Província de São Paulo” que, em 1890, passa a ser intitulado “O Estado de São Paulo”. Os anos selecionados, 1880, 1885, 1890, 1895 e 1900, merecem uma investigação detalhada, pois podem confirmar o processo que levou de um uso predominante da ênclise ao predomínio da próclise no português brasileiro atual.

Considera-se, ainda, necessário discorrer sobre as principais questões teóricas que norteiam este assunto. Em busca de uma análise adequada, são, primeiramente, ressaltados aspectos da variação e mudança linguísticas e discutidas as noções de gêneros, inclusive os gêneros do jornal.

1 Variação e mudança linguísticas

Embora toda orientação teórica, referente aos estudos linguísticos, reconheça a relação entre linguagem e sociedade, em nem todas estão presentes reflexões acerca dela. Isso se relaciona, diretamente, à definição aceita do objeto de estudo da Linguística. Adotam-se, neste trabalho, as perspectivas

* Agradeço à FAPESP o apoio financeiro (Processo 08/51935-1).

** Mestranda em Linguística e Língua Portuguesa, UNESP, Campus de Araraquara, São Paulo. E-mail: carolbiazolli@yahoo.com.br.

¹ Meus agradecimentos à Prof^a. Dr^a. Rosane de Andrade Berlinck pelos valiosos ensinamentos e sugestões.

² “Domínio discursivo constitui muito mais uma “esfera da atividade humana” no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica *instâncias discursivas* [...]. Não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados. Constituem práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios ou específicos como rotinas comunicativas institucionalizadas e instauradas de relação de poder”. (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

suscitadas pela Linguística Histórica e pela Sociolinguística Variacionista, que procuram interpretar a história das línguas – as variações, e possíveis mudanças, existentes –, integrando-a com a vida e a história das sociedades que as falam.

Aqui, a concepção de língua é a que a toma como uma realidade heterogênea, em que sistematicidade e variabilidade não se excluem. As variações linguísticas, podendo implicar em mudanças, para que sejam completamente analisadas, precisam ser averiguadas em termos de suas estruturas internas e externas.

Foi com os estudos da comunidade de *Martha's Vineyard* (dissertação de mestrado – 1962) e da estratificação social do inglês falado em Nova Iorque (tese de doutorado, publicada em 1966), de William Labov, que se estabeleceram as bases teórico-metodológicas da pesquisa Sociolinguística Variacionista e, assim, pôde-se reabrir a questão da mudança linguística, muitas vezes descartada, concebendo-a como “um processo contínuo e o subproduto inevitável da interação linguística”. (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, p. 87)

Declara-se que qualquer parte da língua pode mudar, desde aspectos fonéticos até aspectos de sua organização semântica e pragmática. Podem ocorrer isoladas, mas também podem estar interrelacionadas. Mesmo que os falantes não as percebam, as mudanças sempre estão ocorrendo. Às vezes, podem se dar de forma discreta, abrupta – uma mudança simultânea de gramática por parte de um grande número de falantes, apesar da improbabilidade desse acontecimento –, mas a maioria das investigações mostra que se dão de forma lenta e gradual.

Cabe ainda mencionar que, embora seja uma das características da mudança a sua regularidade, esta se apresenta relativizada. Os processos de mudança são complexos, não sendo, em alguns casos, uniforme a sua difusão, tanto no interior da língua quanto entre os diversos grupos de falantes.

Quando o estudo se circunscreve às premissas da Sociolinguística Variacionista, considera-se a variabilidade inerente ao fenômeno linguístico, como já mencionado. No entanto, necessita-se ir além desse reconhecimento; observações minuciosas acerca das correlações entre as variedades linguísticas e fatores sociais, geográficos e estilísticos devem ser feitas.

Às alternâncias condicionadas por fatores sociais, dá-se o nome de **variação diastrática**; às justificadas por questões geográficas, **variação diatópica**, e às variedades motivadas por ambientes de interação e estilo, **variação diafásica**. Relevante, quanto à terceira variação, é o fato de que o uso de cada variante não é homogêneo no nível do indivíduo. Dependendo do contexto em que se encontra (mais ou menos formal), o locutor usa ora uma, ora outra possibilidade.

Infere-se, segundo Calvet (2002, p. 114), que

É realmente preciso conceber que todos os falantes, mesmo quando se acreditam monolíngues (que não conhecem “línguas estrangeiras”), são sempre mais ou menos plurilíngues, possuem um leque de competências que se estendem entre formas vernaculares e formas veiculares, mas no quadro de um mesmo conjunto de regras linguísticas.

2 Noções fundamentais a respeito de gêneros: conceitos, conflitos e outras características.

A investigação acerca dos gêneros não é recente. Observa-se que esteve, na tradição ocidental, particularmente voltada aos gêneros literários, “cuja análise se inicia com Platão para se firmar com Aristóteles, passando por Horácio e Quintiliano, pela Idade Média, o Renascimento e a Modernidade, até os primórdios do século XX” (MARCUSCHI, 2008, p. 147). Verifica-se, atualmente, o contínuo interesse pela abordagem desse tema, porém sob novas visões. A noção de gênero, antigamente muitas vezes vinculada apenas à literatura, passa a abranger quaisquer formas típicas de usos discursivos, sejam elas faladas ou escritas.

No cenário concernente ao estudo dos gêneros, destacam-se, nas primeiras décadas do século XX, embora tenham sido lidos, e alcançado o merecido reconhecimento, em anos posteriores, os pensamentos do filósofo e linguista russo Mikhail M. Bakhtin (1895-1975). Para ele,

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 1992, p. 279)

Segundo Fiorin (2008, p.64), em relação ao fato de Bakhtin apontar os gêneros como tipos relativamente estáveis de enunciados, “o acento deve incidir sobre o termo relativamente, pois ele implica que é preciso considerar a historicidade dos gêneros, isto é, sua mudança”. A isso, ainda, acrescenta: “Ademais o vocabulário acentuado indica uma imprecisão de características e das fronteiras dos gêneros” (FIORIN, 2008, p. 64).

Hoje, fundamentadas na herança bakhtiniana, sobressaem-se, nos planos nacional e internacional, diversas perspectivas teóricas que, de acordo com os seus objetivos, lidam diferentemente com a questão dos gêneros. No entanto, devido à abundância das fontes e tendências de análise, pode-se, algumas vezes, encontrar dificuldades na condução desse assunto.

Embora se reconheçam as diferenças entre a **teoria de gêneros do discurso** ou **discursivos** e a **teoria de gêneros de texto** ou **textuais**, privilegiar-se-á, neste trabalho, os aspectos comuns ressaltados por ambas as vertentes.

No presente estudo – que objetiva verificar o uso dos pronomes clíticos nos gêneros presentes nos jornais de 1880 a 1900, materializados pelos textos e dispostos num *continuum* de formalidade, tornando-se indispensáveis suas classificações perante as funções que exercem e as formas que neles predominam – julga-se necessário se servir, concomitantemente, das particularidades salientes da teoria dos gêneros discursivos, buscando os significados dos discursos de cada gênero, e das características próprias da teoria dos gêneros textuais, voltando-se às estruturas/organizações dos textos que os corporificam.

Assim, dentre as semelhanças, merece ser destacado que em ambos os enfoques os gêneros – orais e escritos – são considerados produtos histórico-sociais de grande heterogeneidade, que estão em ininterrupto movimento – alguns desaparecem, outros voltam sob formas parcialmente diferentes, ou ainda emergem outros gêneros –, apontando-se como justificativa para o surgimento dos inusitados tipos a aparição de novas motivações sociais. As duas posições, apesar dos gêneros poderem apresentar qualidades individuais, asseguram inclusive a impossibilidade de serem estabelecidas, com clareza, as fronteiras que os distinguem. (COSTA, 2008).

Diante das considerações expostas, e das próximas a serem apontadas, assenta-se a posição adotada por este trabalho. Os gêneros textuais³ são compreendidos como fenômenos históricos, vinculados à vida cultural e social, concretizados através da linguagem (MARCUSCHI, 2005, 2006, 2008). São interativos, nunca surgem num grau zero, já que são condicionados por outros (BAZERMAN, 2005).

Pode-se dizer, por representarem as mais diversas atividades comunicativas, que a classificação dos gêneros não é feita de modo exato e fácil, a ponto de sua identificação parecer difusa e aberta. “Os gêneros textuais são dinâmicos, de complexidade variável e não sabemos ao certo se é possível contá-los

³ Ainda que consideremos as peculiaridades dos conceitos de gênero do discurso e gênero textual, após explicitarmos a perspectiva tomada nesta pesquisa, usaremos **gênero textual** para fazer menção, em relação aos gêneros, tanto quanto aos aspectos da significação, da importância valorativa do emissor e do tema quanto a uma descrição mais propriamente textual. Reforça-se a ideia de que para classificá-los ambas as características devem ser observadas.

todos, pois como são sócio-históricos e variáveis, não há como fazer uma lista fechada, o que dificulta ainda mais sua classificação” (MARCUSCHI, 2008, p. 159). Embora seja complicado nomear cada gênero, as denominações não são criações individuais, mas rótulos constituídos historicamente e socialmente.

Deve-se destacar, ainda, entre os obstáculos presentes no momento da caracterização e nomeação de determinado gênero textual a possibilidade deste assumir traços que, em sua origem, não lhe são próprios. De acordo com Marcuschi (2005, 2008), no caso dos gêneros, além da **heterogeneidade tipológica** – que diz respeito a um gênero realizar sequências de vários tipos textuais⁴ –, tem-se a **intertextualidade inter-gênero** (MARCUSCHI, 2005) ou **intergenericidade** (MARCUSCHI, 2008) – quando um gênero adquire funções e formas de outros –, evidenciando, cada vez mais, o aspecto dinâmico que possuem.

Assim, para que os gêneros sejam nomeados, mesmo que hoje a tendência seja explicar como eles se constituem e circulam socialmente, necessita-se atentar para os seguintes critérios: a forma estrutural, o propósito comunicativo, o conteúdo, o meio de transmissão, os papéis dos interlocutores e o contexto situacional (MARCUSCHI, 2006, 2008). Ainda que as dificuldades existam, ao refletir e analisar os gêneros sob esses aspectos, os conflitos para designá-los ficam menos acentuados.

Outro ponto a ser ressaltado, em relação à produção dos gêneros textuais, para também melhor compreendê-los, é que, embora alguns sejam tidos como entidades flexíveis – exceto aqueles que não são propícios à manifestação de estilos individuais, os gêneros estereotipados (por exemplo: documentos oficiais, bastante ritualizados e sem variações notáveis) –, em certo grau, coíbem os usuários de fazer escolhas isentas de limitações. De acordo com Marcuschi (2008, p.156),

[...] os gêneros têm uma identidade e eles são entidades poderosas que, na produção textual, nos condicionam a escolhas que não podem ser totalmente livres e aleatórias, seja sob o ponto de vista do léxico, grau de formalidade ou natureza dos temas.

Desse modo, apropriados a suas especificidades, por um lado, estão abertos a opções, estilo, criatividade e variação e, por outro, impõem restrições e padronizações, “[...] já que estamos imersos numa sociedade que nos molda sob vários aspectos e nos conduz a determinadas ações” (MARCUSCHI, 2008, p. 162).

A possibilidade de optar por formas menos ou mais estandardizadas se refere ao fato dos gêneros se distribuírem pela oralidade e pela escrita num contínuo, desde os mais informais aos mais formais e em todos os contextos e situações da vida cotidiana. Os gêneros ligados à esfera privada são menos marcados à orientação formal e os gêneros destinados à esfera da vida pública estão mais voltados a um valor normativo, distanciando-se, em medidas cada vez maiores, da informalidade. Em certos casos, alguns chegam a ser rígidos.

Observa-se, diante do rico conteúdo envolvido pelo estudo dos gêneros textuais, que suas reflexões se tornaram, atualmente, indispensáveis àqueles que anseiam estudar a linguagem, ainda que pelas ópticas mais diversas. Segundo Bakhtin (1992, p. 282),

Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo lingüístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida.

3 Gênero como subsídio para pesquisas sociolinguísticas – contribuição e relevância.

⁴ “Tipo textual designa uma espécie de construção teórica [...] definida pela natureza linguística de sua composição [...] O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor são modos textuais. Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*. O conjunto de categorias para designar tipos textuais é limitado e sem tendência a aumentar [...]”. (MARCUSCHI, 2008, p. 154-155)

Cabe, ao pesquisador que se interessa pelos fenômenos linguísticos no decorrer dos tempos, fundamentado nos pressupostos da Linguística Histórica e da Sociolinguística Variacionista, optar por uma descrição particular que, através de aspectos internos e extralinguísticos, identifique e esclareça as possíveis mudanças já implementadas e as que se encontram em progresso.

Para que esses objetivos sejam alcançados, apesar de pertinente e de ser tida como o meio mais apropriado, os estudiosos nem sempre poderão recorrer à modalidade falada como matriz de suas informações. As investigações que se reportam a períodos mais remotos da língua podem fazer uso, para coleta e análise de dados, apenas, de documentos escritos. Todavia, embora a escrita apresente, por sua história e funções sociais, uma realidade mais estável e permanente que a língua falada, pode-se considerar que os textos escritos, assim como as produções orais, variam de acordo com suas finalidades e condições de criação, sendo distribuídos num *continuum* que abrange desde os que representam um estilo mais informal⁵ até os que se encaixam num estilo mais formal⁶. Para identificá-los, portanto, deve-se levar em conta quem os produzem, a quem são destinados e, primordialmente, em quais contextos.

Em seu estudo intitulado *The Social Stratification of English in New York*, de 1966, Labov, ao analisar as variáveis fonológicas, num total de cinco, além de relacionar o uso de suas variantes a aspectos linguísticos e a determinadas questões sociais, salienta a importância de observar suas realizações nos mais diversos estilos. Para isso, lista os seguintes **estilos contextuais**: casual, cuidadoso, leitura, lista de palavras e pares mínimos⁷. Assim como Labov, estudos sociolinguísticos recentes, que trabalham com a modalidade falada, têm mostrado que há uma forte correlação entre situações informais e o uso preferencial da variante não-padrão, já que esses contextos pressupõem menor atenção à produção dos enunciados; por outro lado, em contextos mais formais, em que a monitoração ao uso da língua é maior, constata-se a ocorrência mais frequente de formas padrão.

Para verificar se essas relações também estão presentes em textos escritos, fonte de extração dos dados que remetem à reconstrução da história da língua, deve-se considerar a noção de gêneros textuais. À proporção que os textos materializam os gêneros, torna-se possível, após decifrar suas especificidades, organizá-los num *continuum* de formalidade e averiguar se o uso das variantes – inovadora e conservadora – , de determinada variável, condiz com a tendência apontada pelos estudos que lidam com a língua falada. Sugere-se que a análise seja feita a partir de vários gêneros, para que o contraste – entre a frequência de formas estigmatizadas em gêneros mais informais e a ocorrência de formas de prestígio em gêneros que tendem à formalidade – seja melhor visualizado.

Ademais, tem-se que as mudanças que se efetuam nos gêneros textuais são indissociáveis das mudanças da vida social que, por sua vez, entre outros aspectos, condicionam as mudanças na língua. Logo, consideram-se complexas e pertinentes as relações entre variação e mudança linguísticas e gêneros textuais.

4Os gêneros do jornal.

O estudo dos gêneros jornalísticos, há um bom tempo, além de propiciar informações relevantes para os profissionais da área do jornalismo e fornecer recursos para aqueles que buscam aprofundar seus conhecimentos a respeito do tema, tem estimulado abundante interesse, por serem reconhecidos como uma rica fonte de extração e análise de dados, nos estudiosos que se dedicam aos fatos da língua. Segundo Bonini (2004, p.-), “Apesar dessa longa história, no entanto, pouco se sabe sobre os gêneros do jornal, de um modo mais sistemático, no que toca a temas como os fundamentos desta categoria, os princípios que a instauram e os seus limites.”

Assim, somados ao fato do número de estudos que focalizam os gêneros do jornal de forma meticulosa até agora ser restrito, podem ser indicados outros princípios que direcionam à ideia dos gêneros jornalísticos não serem facilmente classificáveis. Há, no jornal, um contínuo expositivo, o que

⁵ Nota-se, no estilo informal, por parte do falante/escritor, o mínimo grau de atenção dada às formas empregadas.

⁶ Quanto ao estilo formal, verifica-se o contrário. Há um maior monitoramento às formas linguísticas utilizadas.

⁷ Ver Labov (2008).

dificulta estabelecer as delimitações entre os gêneros que o formam. Em outras palavras, “[...] as fronteiras entre os gêneros são frouxas, do ponto de vista de como a enunciação se dá.” (BONINI, 2006, p. 65). De acordo com Bonini (2006, p.65),

A vagueza nas fronteiras intergêneros pode ser observada de dois pontos de vista: o estrutural e o semântico-pragmático. O estrutural, neste caso, diz respeito ao modo como o jornal se organiza e o semântico-pragmático corresponde ao modo como os textos são enunciados.

Contudo, ao selecionar um rótulo para determinado gênero jornalístico, necessita-se averiguar se este corresponde a uma unidade materializável na forma de texto, se é praticado na comunidade discursiva como uma unidade textual e se está relacionado às atividades centrais do jornal observado (Bonini, 2003a).

Em um jornal, percebe-se também, de acordo com os recursos linguísticos utilizados e a função comunicativa almejada, que os textos, representantes dos gêneros, distribuem-se entre os menos e mais formais. O jornal concentra, por um lado, através da linguagem, o que há de maior prestígio sócio-cultural, mas, por outro, pelo seu dinamismo e pela necessidade de criar certa identidade com o leitor, a ponto de refletir, aceitar e incorporar o uso que ele faz, possibilita a manifestação de distintas variantes linguísticas não-padrão.

Ressalta-se, por fim, que os gêneros jornalísticos, além de serem utilizados como aporte, para diversos fins, para pesquisas que investigam, sob as mais diferentes orientações teóricas, os fenômenos linguísticos, segundo Medina (2001, p. 50),

Com certeza servem para orientar os leitores a lerem os jornais, permitindo-os identificar as formas e os conteúdos dos mesmos. Servem, também, como um diálogo entre o jornal e o leitor, pois é através das exigências dos leitores que as formas e os conteúdos dos jornais se modificam. Os gêneros servem ainda para identificar uma determinada intenção, seja de informar, de opinar, de interpretar ou e divertir.

6 Análise, e resultados, dos dados.

O jornal utilizado como fonte de análise foi fundado em 1874, com o nome **A Província de São Paulo**, por treze militantes republicanos que aceitaram uma ideia divulgada pelos participantes da Convenção de Itu, de 1873. A primeira edição foi publicada em 04 de janeiro de 1875. Com o advento da República, recebeu o nome de **O Estado de São Paulo** (FERNANDES, 1998). Superados determinados acontecimentos – as intervenções durante o Estado Novo e a censura prévia no momento da ditadura militar, por exemplo –, é assim conhecido e circula diariamente nos dias de hoje.

Os exemplares, dos dias 04/01/1880, 06/01/1885, 08/01/1890, 03/01/1895 e 08/01/1900, foram examinados minuciosamente com a intenção de que fossem caracterizados os gêneros que os integram para, então, constatar a ordem do pronome clítico nesses textos. Foram considerados todos os pronomes átonos, porém apenas adjuntos a lexias simples. Quanto à classificação dos gêneros, deve-se relevar o grau de dificuldade encontrada para realizá-la. Nos jornais do século XIX e início do século XX, nem sempre são aplicáveis os tipos de gêneros descritos para os jornais atuais. As discussões sobre esses aspectos ainda são preliminares.

Verifica-se, ao somar todas as ocorrências dos pronomes clíticos presentes nos gêneros, num total de 1066, que ainda há o predomínio do uso da ênclise nos anos observados. São averiguados 384 casos de pronomes proclíticos e 682 de pronomes enclíticos. Nos anos 1885 e 1890, o número de ocorrências de pronomes enclíticos chega a atingir mais que o dobro das incidências de pronomes proclíticos, como apresenta, abaixo, a Figura 1.

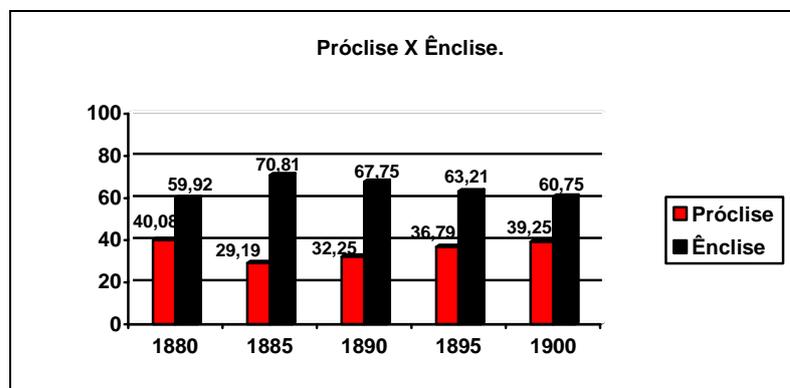


Figura 1. Colocação pronominal nos jornais de 1880, 1885, 1890, 1895 e 1900.⁸

Os gêneros foram identificados, e nomeados, de acordo com suas características textuais e com os significados que seus discursos declaram. Assim, foram encontrados, nos jornais, os seguintes gêneros, listados, hipoteticamente, do mais para o menos formal: **Editorial, Notícia, Aviso, Anúncio, Classificado, Nota, Comentário e Carta do Leitor**.

O Editorial é o texto em que se discute uma questão ou assunto, apresentando-se o ponto de vista do jornal, da empresa jornalística ou do redator-chefe. Quanto à Notícia, esta se refere ao puro registro dos fatos, informa quem fez o que, a quem, quando, onde, como, por que e para quem. O Aviso é uma informação ou declaração curta e objetiva, prestada a outros. Observa-se que os avisos, quase sempre, nesses exemplares, apresentam-se redigidos da mesma forma. São utilizados, em sua maioria, para informar à comunidade alterações no comando de determinados comércios. Já os Anúncios e os Classificados são textos que, assim como os avisos, divulgam algo ao público. No entanto, os primeiros estão mais relacionados a objetivos comerciais, políticos, culturais, religiosos, etc., de instituições, enquanto os segundos são realizados por cidadãos comuns. Embora sejam abertos à criação individual, verifica-se certo grau de formalidade, através do uso de expressões cristalizadas.

Quanto às Notas, estas tendem a ser os relatos curtos de um acontecimento, possuem um caráter dinâmico e informativo. Para que a mensagem seja transmitida de maneira rápida e clara, espera-se, por parte desses jornais, um uso menos formal da língua. No entanto, aqui, isso não se comprovou. Os Comentários se referem a um conjunto de observações, esclarecedoras ou críticas, expositivas e/ou argumentativas, sobre quaisquer assuntos, geralmente curtas. Às vezes, apresentam conteúdo com caráter malicioso sobre os atos ou palavras de alguém. E, por fim, as Cartas de Leitores, nem sempre escritas no formato de carta, são os textos em que o leitor pode expressar seus pontos de vista e opiniões. Pela proximidade entre leitor e jornal, geralmente é escrita em estilo mais simples.

Na sequência, na Figura 2, estão os resultados do uso da próclise e da ênclise nos gêneros, acima descritos. Pode-se apontar ainda um domínio dos pronomes enclíticos, inclusive nos gêneros tidos como mais informais, exceto no gênero Comentário. Merecem destaque a aparição quase absoluta desses pronomes no gênero Classificado e, por outro lado, a predominância do uso do pronome átono antes do verbo no gênero Editorial, indo de encontro às expectativas. Quanto aos resultados dos gêneros Comentário e Carta de leitor, levando em consideração que no último há quase um empate entre o número de ocorrências de pronomes proclíticos e enclíticos, pode-se dizer que confirmam a hipótese de que a próclise prevalece em textos menos formais.

⁸ No jornal de 1880, foram encontrados 93 casos de próclise e 139 de ênclise. No exemplar de 1885, apareceram 40 vezes o pronome proclítico e 97 o enclítico. Em 1890, havia 80 pronomes proclíticos e 168 enclíticos. Os dados de 1895 apontaram o uso da próclise 78 vezes e o da ênclise 134. No jornal de 1900, foram 93 ocorrências de pronomes proclíticos e 144 de pronomes enclíticos.

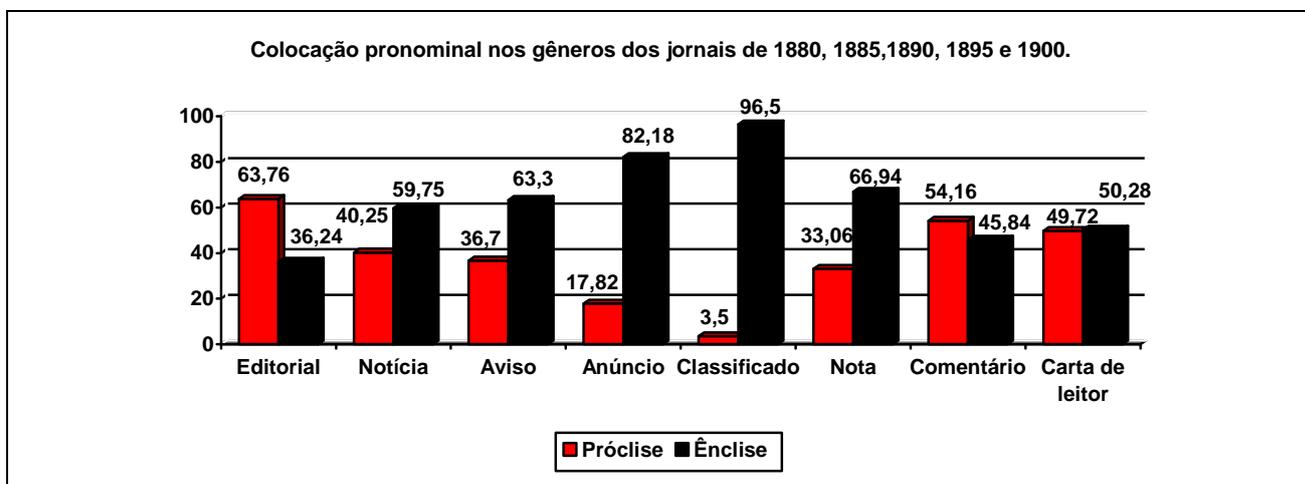


Figura 2. Colocação pronominal nos gêneros, dispostos num *continuum* de formalidade, dos jornais de 1880, 1885, 1890, 1895 e 1900⁹.

Ainda foram reconhecidos, nos jornais de 1880 e 1900, o gênero **Artigo**; nos jornais de 1880 e 1890, o gênero **Resenha**; nos exemplares de 1880, 1890, 1895 e 1900, o gênero **Edital** e, por fim, o gênero **Indicador**, nos jornais de 1885, 1895 e 1900.

Os Artigos, são textos de opinião, dissertativos ou expositivos, que trazem interpretações do autor sobre um fato ou tema variado. A estrutura composicional varia bastante, mas sempre desenvolve, explícita ou implicitamente, uma opinião sobre o assunto, com um fecho conclusivo, a partir das ideias construídas. A Resenha, refere-se, neste estudo, a um resumo geral do que de fundamental ocorreu em determinado período, em matéria de noticiário. Classificam-se, dessa maneira, os textos que apresentam, a partir das notícias do dia anterior, comentadas em outros suportes de comunicação, uma sinopse dos principais acontecimentos. Aos Editais, atribuem-se as ordens oficiais, avisos, posturas ou citações que sendo visíveis podem interessar ao público. Quanto aos Indicadores, pode-se dizer que são as informações úteis sobre órgãos governamentais, empresas, instituições, países ou sobre determinado assunto. No período observado, interessam os informes a respeito do mercado do café, por exemplo.

Nas figuras abaixo estão indicados os dados obtidos nas análises desses gêneros.

⁹ Foram encontrados: 44 casos de próclise e 25 de ênclise, no gênero Editorial; 31 pronomes proclíticos e 46 enclíticos, no gênero Notícia; 40 usos de próclise e 69 de ênclise, no gênero Aviso; 23 vezes o pronome proclítico e 106 o enclítico, no gênero Anúncio; 5 ocorrências de próclise e 138 de ênclise, no gênero Classificado; 41 vezes a próclise e 83 a ênclise, no gênero Nota; 13 pronomes proclíticos e 11 enclíticos, no gênero Comentário e, por fim, nas Cartas de leitores, foram obtidos 92 casos de próclise e 93 de ênclise.

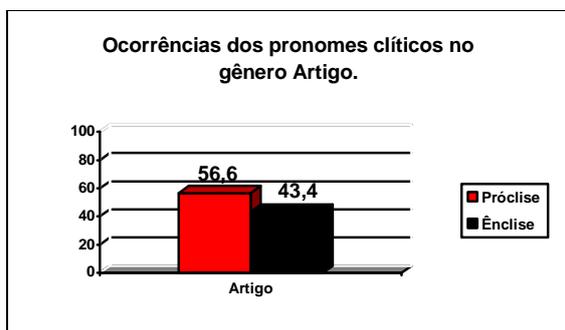


Figura 3. Colocação pronominal no gênero Artigo nos jornais de 1880 e 1900.



Figura 4. Colocação pronominal no gênero Resenha nos jornais de 1880 e 1890.

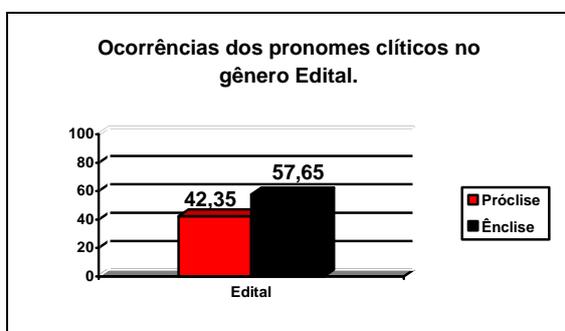


Figura 5. Colocação pronominal no gênero Edital nos jornais de 1880, 1890, 1895 e 1900.

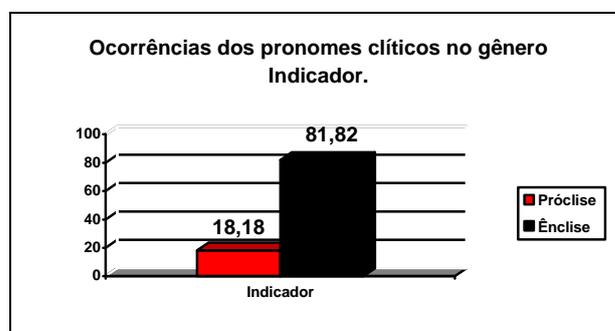


Figura 6. Colocação pronominal no gênero Indicador nos jornais de 1885, 1895 e 1900.

Na Figura 3¹⁰, embora não discrepante, averigua-se maior número de casos de próclise em relação aos de ênclise no gênero Artigo e, no que diz respeito à Resenha, na figura 4¹¹, um índice ligeiramente maior do uso da ênclise. Por esses resultados provirem apenas de dois exemplares, não são levantadas suposições. A Figura 5¹² revela, como esperado, o predomínio dos pronomes enclíticos. Vale lembrar que a produção dos textos que materializam os Editais requer maior atenção, já que são documentos que exprimem, na maioria das vezes, ordens oficiais. Sobre o gênero Indicador, na Figura 6¹³, atribui-se, para justificar o alto índice alcançado pelos pronomes enclíticos, o fato dos textos que o representam serem escritos, assim como os do gênero Classificado, com construções já consagradas.

Ainda que a ênclise tenha se sobressaído, de um modo geral, pode-se afirmar que ambos os pronomes – próclíticos e enclíticos – já estavam, nesse período, alternando-se, em todos os estilos.

Conclusão.

¹⁰ No gênero Artigo, foram verificados 34 vezes o uso da próclise e 26 o da ênclise.

¹¹ Os resultados, no gênero Resenha, indicaram 23 ocorrências de pronomes próclíticos e 26 de enclíticos.

¹² Foram observadas 36 vezes a próclise e 49 a ênclise, no gênero Edital.

¹³ O gênero Indicador apresentou 2 pronomes próclíticos e 9 enclíticos.

As reflexões apresentadas, no decorrer deste trabalho, mostram que as relações entre variação e mudança linguística e gêneros textuais devem ser consideradas na investigação dos processos ocorridos na história de uma língua.

Quanto aos resultados, verificados acima, sobre o uso dos pronomes clíticos, tem-se uma visão preliminar, já que, entre os objetivos futuros, está a ampliação dos anos a serem analisados. Acredita-se, entretanto, haver ligação entre a incidência de determinada posição do pronome de acordo com o gênero em que está inserido.

Referências

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 279 – 326. [1952-1953]
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.
- CALVET, L.-J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002
- COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BONINI, A. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? **Revista Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 4, n. 1, p. 205-231, 2003a. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0401/00.htm>> Acesso em: 13 jan. 2008.
- _____. Veículo de comunicação e gênero textual: noções conflitantes. **DELTA - Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 65-89, 2003b.
- _____. Em busca de um modelo integrado para os gêneros do jornal. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. (Org.). **Gêneros textuais e referenciação**. Fortaleza: PPGL/UFC, 2004. p. -.
- _____. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). 2ed. **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 57- 71.
- FERNANDES, P. P. S. (Coord.). **Guia dos documentos históricos na cidade de São Paulo, 1554/1954**. São Paulo: Hucitec/Neps, 1998.
- FIORIN, L. J. Os gêneros do discurso. In: _____. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008. p. 60-76.
- LABOV, W. O isolamento de estilos contextuais. In: _____. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008. p. 92-138. [1972]
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais : definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 4ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36.
- _____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). 2ed. **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 23-36.
- _____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MEDINA, J. L. B. Gêneros jornalísticos: repensando a questão. **Revista Symposium**. Pernambuco, ano 5, n. 1, p. 45-55, 2001. Disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/3196/3196.PDF>>. Acesso em: 25 set. 2008.
- WEINREICH, V.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006. [1968]